

Ideb das escolas particulares é medíocre

Médias mostram que as instituições pagas têm notas que se assemelham às de escolas públicas e estão longe do ideal

ALANA BERTO
REPORTER

“O homem não é nada além daquilo que a educação faz dele”. Essa frase do filósofo Immanuel Kant resume a importância da educação para um país. Muito se fala sobre a falta de qualidade da educação pública no Brasil, mas a qualidade de algumas escolas particulares, que também deixa a desejar, é fato desprezado por muitos pais e até professores e donos de escolas.

O último Índice da Educação Básica (Ideb), de 2011, divulgado pelo MEC no ano passado revela essa realidade. As notas das instituições particulares não estão muito longe da média das escolas públicas e ainda ficam aquém da máxima, que é 10.

Os resultados em Alagoas mostram que na rede privada a nota dos alunos do 5º ano atingiu a meta, porém ela era de apenas 5,9. Na rede públi-

ca estadual, a meta era de 3,4 e a nota foi de 3,7. Já na rede municipal, a meta era de 3,8 e a nota foi 4,0. No 9º ano, a meta das escolas particulares era de 5,3 e a nota foi 5,7. Na rede estadual, a meta era de 2,5 e foi alcançada a nota 2,9 e no município foi ultrapassada a meta, que era de 2,3, com a nota de 2,8. No ensino médio, na rede privada, a meta foi de 4,9 e a nota foi 4,7, enquanto que no Estado a meta era de 2,6 e o desempenho foi 3,1. A rede municipal não oferta ensino médio.

Para a pedagoga, professora do Centro de Educação da Universidade Federal de Alagoas (Ufal) e ex-presidente do Conselho Estadual de Educação, Sandra Lúcia Lira, as escolas particulares terminam sendo uma alternativa para suprir uma diferença que o poder público não supriu, mas os pais cobram muito pouco delas. “Na Europa e no EUA, a escola é opcional, mas por uma opção ideológica”.



Para pedagoga e professora da Ufal, particulares são uma alternativa às deficiências das públicas, mas pais ainda cobram pouco

FALTA COBRANÇA

Pais se conformam em ver filhos assistindo à aula, afirma pedagoga

Enem é a única demanda do pai, mas aluno carece de mais

Para a professora Sandra Lúcia Lira, as escolas particulares e públicas no Brasil não deveriam ter diferença qualitativa. Segundo ela, ambas deveriam ter ensino adequado.

A pedagoga afirmou que como as escolas públicas não funcionam direito e muitas escolas sequer proporcionam aulas com frequência para seus alunos, as pessoas passam a não cobrar das particulares, que têm aulas todos os dias. “Isso é o mínimo que o serviço privado pode oferecer, mas não está bom, pois ainda existem outros fatores”, salientou.

Sandra ressaltou que existe uma distância muito grande do que a realidade coloca, e a escola privada não está fazendo o que se pede, pois está muito preocupada com a pontuação dos seus

alunos no Exame Nacional do Ensino Médio (Enem) e assim os valores sociais ficam de lado. “A família pede que o aluno seja preparado para o Enem e a escola quer atender o cliente”, observou.

Ao olhar da pedagoga, a escola e a família precisam repensar a educação, pois a família cada dia tem menos tempo para educar os filhos e cobra que a escola eduque. É preciso haver um diálogo família-escola, ela defende. “No fim das contas, só é cobrada a pontuação do Enem”.

Para a pedagoga, o Enem é importante, no entanto não é a única demanda do estudante. “Quem educa é a mídia. O aluno passa mais tempo no computador, sem educação nenhuma, pois informação é diferente de formação”, destacou.

A educadora afirmou que

o Estado precisa fazer uma política educacional e para isso existe o Plano Estadual de Educação. “Será que o secretário já leu este plano?”, questionou. Sandra replicou ainda que educação é política permanente e o Ideb é uma sinalização disso. “É preciso que seja feito um planejamento para que o Estado possa avançar”.

Ela explicou que a rede estadual é o parâmetro para as avaliações. Entre os fatores que contribuem para enfraquecer a educação de Alagoas está a questão salarial, pois os professores são mal remunerados e a correria é grande. “Para se sustentar, os professores precisam ter vários empregos”, alegou.

Outros fatores são a formação continuada, a estrutura física das escolas e a gestão escolar.

ADAILSON CALHEIRO